

## APRESENTAÇÃO

A presente edição literária da Revista ContraPonto traz um dossiê especialmente formulado para maior reflexão sobre a escrita do trauma. Os doze artigos que compõem este número abordam as respostas do sujeito traumatizado às mais diversas manifestações de violência, tais como: violência contra a mulher, escravidão, mortes, tortura, sequestro, encarceramento, guerras, genocídios e outros fenômenos violentos que atuam contra o indivíduo.

Ao analisar a história contemporânea, a crítica Shoshana Felman refere-se à cisão que aflige o sujeito pós-moderno, ao afirmar, em **The Juridical Unconscious: Trials and Traumas in the Twentieth Century** (2002), que trata-se de uma história cristalizada em torno de dois polos: o da justiça e o do trauma (FELMAN, 2002: 03). Por um lado, as leis raramente parecem oferecer algum tipo de reparação ao sujeito traumatizado. Por outro, é possível observar que proliferam alternativas de arejar a história traumática do sujeito, propiciadas, em grande parte, pelo advento dos estudos de escrita de vida (*life-writing*). O material que compreende a escrita de vida, que por sua vez remonta a escritos da mais remota tradição, pode abranger (mas não se restringe a) relatos - em prosa ou em verso - (auto)biográficos, ficção (auto)biográfica, ficção de trauma, memoriais, diários, testemunhos, cartas, dentre outros gêneros.

Uma vez que a escrita de vida pode propiciar ao sujeito traumatizado a oportunidade de reconstruir uma história e também a si próprio, agregando certa linearidade a uma história que, devido à intensidade de um encontro com o *Dasein* traumático, não teve início, meio e fim. Sendo assim, não surpreende constatar que o encontro entre a escrita de vida e os estudos de teoria do trauma seja de proveito cada vez maior para entendimento da história contemporânea. Um exemplo em que a relação entre a escrita de vida e os direitos humanos ganha laços mais estreitos é a obra de referência **We Shall Bear Witness: Life Narratives and Human Rights** (2014), co-autorada pelas renomadas críticas Margareta Jolly e Meg Jensen.

Como era esperado, esta edição da Revista ContraPonto reforça a convergência entre os estudos de teoria do trauma e a escrita de vida. Os artigos aqui

contemplados ampliaram tal confluência para suas manifestações em múltiplas culturas. No artigo “Dizer-se é um desafio: memória e trauma na autobiografia de Ayaan Hisri Ali”, a autora Eumara Maciel dos Santos aborda como a escritora somali-holandesa lança mão de sua narrativa autobiográfica, intitulada **Infiel, a história de uma mulher que desafiou o islã** (2007), para reconstruir uma história pessoal de sobrevivência. A importância do relato autobiográfico também é ressaltada por Fabrício Paiva Araújo no artigo “Memória e trauma na zona de combate: uma abordagem literária da guerra do Vietnã”. O artigo dá enfoque ao cenário hostil pós-guerra do Vietnã, conforme é relatado por Ron Kovic em **Born on the Fourth of July** (1976). Outro relato, igualmente contundente, surge no livro **Cartas da prisão, 1969 a 1973**, de Frei Betto, no qual memórias da ditadura militar brasileira são resgatadas através das cartas do autor e analisadas por Wilson Barreto Frois, no artigo “O marxismo e a fé em cartas da prisão, de frei Betto”. Outro registro de memórias, do período ditatorial de Getúlio Vargas, aparece nas crônicas autobiográficas da escritora paraense Eneida de Moraes, como pondera Robson Caetano dos Santos no artigo “Escudo de Perseu: as estratégias de narrar o trauma nas crônicas de Eneida de Moraes sobre a ditadura de Getúlio Vargas”. Ainda com referência à literatura brasileira, Natália Leão Prudente examina as memórias paternas traumáticas relatadas pelo narrador da obra **Quase memória** (2010), de Carlos Heitor Cony, no artigo “Nós emaranhados: as lembranças que perpassam o quase romance de Cony”. Os testemunhos de quatorze membros do movimento antinazista de resistência alemã, denominado de Rosa Branca, registrados por Katrin Seybold através de um documentário, são avaliados por Yasmin Cobaiachi Utida no artigo “O corpo como escrita da memória: o testemunho no documentário ‘Os Resistentes: testemunhas da Rosa Branca’, de Katrin Seybold”. Em seguida, Franklin Faria Moraes reflete sobre o trauma do Holocausto e a dicção poética em um discurso de Paul Celan, no artigo “Paul Celan e a poética do trauma”.

Igualmente digna de nota, no atual dossiê, foi a ênfase dada em compreender as particularidades das vozes femininas que narram experiências traumáticas. A estética das narrativas femininas do trauma estão centradas, a meu ver, dentro de três modalidades: o discurso reiterativo, que é baseado na repetição e mimetiza os efeitos do próprio trauma; a presença de um ouvinte compassivo, capaz de reparar a violência de uma história de trauma através da atitude enunciativa de escuta compassiva e, em

terceiro lugar, a busca de ressignificação da identidade da mulher traumatizada. Dentre os artigos já mencionados, estão inseridos nessa temática os de Eumara Maciel dos Santos, Robson Caetano dos Santos e Yasmin Cobaiachi Utida, além da leitura, proposta por Alexandre Vilas Boas, da voz da narradora-personagem Flausina, no conto “Esses Lopes”, de Guimarães Rosa. Pode-se ver, na voz dela, uma espécie de denúncia à violência contra a mulher, de acordo com o artigo “Violência X violência: análise do conto ‘Esses Lopes’, de Guimarães Rosa”. A voz narrativa que discorre sobre as memórias traumáticas de uma mulher descendente de escravos, no romance **Ponciá Vivêncio**, publicado em 2003, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, é avaliada por Gérsica Cassia Ferreira Leite no artigo “As idas e vindas de Ponciá Vivêncio pelos labirintos e vias tortuosas da memória”. E, ainda, o artigo “Traumas da modernidade: a paixão pelo Real em **Madame Bovary**”, de Ariane Andrade Fabreti, propõe uma leitura que retoma o conceito de paixão pelo Real aplicado ao consumo capitalista, e suas consequências traumáticas, já iniciados no século XIX, e presentes na experiência da protagonista do romance de Flaubert.

Finalmente, o artigo de Felipe Lima, “Mergulhando no inferno das memórias: uma odisseia metafísica ou um romance português contemporâneo”, faz um estudo comparado entre o herói grego (em seu rito de iniciação) e o narrador de **A máquina de fazer espanhóis** (2013), de Valter Hugo Mãe, em sua trajetória de confrontação e elaboração de uma experiência trágica.

Por último, é possível adentrar as dimensões estéticas do horror, presentes em um conto gótico de Stephen King, que destacam o horror vivenciado pelas personagens e seu efeito de prazer estético no leitor, no artigo “As perspectivas do leitor em ‘A imagem do segador’”, de Larissa de Cássia Antunes Ribeiro.

O leitor poderá concluir, através da leitura dos presentes artigos que, tão variadas quanto as experiências de confrontação com o Real traumático, são as estratégias de contar histórias de trauma. Igualmente ricas são as possibilidades de reconfiguração de identidades que advêm dessa escrita, tornando-a terapêutica a quem narra e, de certa forma, reparadora de uma ferida que o tempo e a justiça não foram, sozinhos, capazes de restaurar.

Belo Horizonte, 21 de dezembro de 2015.

Denise Borille de Abreu  
Editora-Chefe da Revista *ContraPonto*